

Os caminhos de Santiago de Compostela: imagem, paisagem e lugar

Carolina Leardine Zechinatto
carolzechinatto@yahoo.com.br
Universidade Estadual de Campinas

Palavras-chave: Caminho de Santiago de Compostela, mapas mentais, experiência.

Introdução

Este trabalho propõe o estudo do Caminho de Santiago de Compostela, buscando caracterizá-lo como um lugar, ou seja, um espaço com o qual são estabelecidos laços afetivos com base na experiência que se dá na relação indivíduo-lugar e indivíduo-indivíduo (TUAN, 1980). Assim, podemos compreender o Caminho não apenas como uma linha, mas como uma ampla área onde são identificados elementos que ajudam os caminhantes a se deslocarem por ele: montanhas, edifícios, rios, que se conectam ao caminho.

O estudo destas diferentes formas de viver o/no Caminho nos ajuda a apreender os vínculos que são estabelecidos e quais suas implicações sobre a experiência do indivíduo enquanto caminha. Para isso, buscamos a memória/imagem coletiva do Caminho a partir de metodologias qualitativas, tais como entrevistas e o desenho de mapas mentais.

Para Candy (2004), quando conceitualizamos o Caminho de Santiago de Compostela, pode-se dizer que, mais do que a conexão de pontos de significância individual em um mapa, trata-se de uma sequência de lugares que se desenvolvem através do tempo-espaço. Desse modo, “the process of moving through the world thus involves a succession of experiences: of sights, smells, remembrances and associations that come to mind via the walking body within a dynamic, resonant landscape” (CANDY, 2004, p.4).

Primeiramente, tentamos saber quais as paisagens do Caminho e que sensações elas emanam/propocionam aos caminhantes, refletindo na imagem que se tem

dele. Para isso, trazemos também os conceitos de Kevin Lynch trabalhados em sua obra, *A imagem da cidade*, a fim de compreender a forma que possui o Caminho e os elementos que o constituem.

Os mapas mentais e a experiência da forma

O Caminho de Santiago é múltiplo: não existe um trajeto único, mas uma rede deles. Entre os mais conhecidos estão os Caminhos Francês, Português, Inglês, Aragonês, do Norte e Primitivo, constituindo uma interconexão de rotas que conduzem a Santiago de Compostela, na Espanha.

Muitas vezes a falta de conhecimento do lugar e o distanciamento de seu casulo protetor (rede de lugares e relações de parentesco, amizade, vizinhança) faz com que os caminhantes estejam mais expostos a riscos e perigos ao longo do caminho (MARANDOLA Jr., 2008), no entanto, atualmente nos apoiamos na presença dos demais, nos mapas, sinalizações de rotas, letreiros e guias, e perder-se por completo resulta mais difícil (LYNCH, 2004).

À qualidade do objeto físico de suscitar uma vigorosa imagem em qualquer observador, Lynch (2004) dá o nome de imaginabilidade, que trata “de esa forma, de ese color o de esa distribución que facilita la elaboración de imágenes mentales del medio ambiente [...]” (LYNCH, 2004, p.23).

Quais seriam os efeitos que a forma do caminho tem sobre nós enquanto caminhamos? A legibilidade física da paisagem tem a ver com a maneira pela qual estruturamos as diferentes partes do Caminho e tudo o que está relacionado com a experiência da peregrinação. Desse modo, não nos basta saber quais são os principais elementos da paisagem. Nos importam as relações interpessoais, entender como as pessoas se identificam como comunidade e estabelecem laços afetivos no caminhar. Os conceitos de Lynch são uma ferramenta a mais que nos ajudará a refletir acerca dos mapas mentais e avaliar as conversas com os caminhantes a fim de compreender o processo de estruturação da imagem do Caminho de Santiago de Compostela e sua experiência como um lugar.

Para isso, este trabalho se baseia em metodologias qualitativas orientadas pela abordagem fenomenológica, o que implica na busca do sentido da experiência, colocando os pré-conceitos em suspensão, permitindo que os fenômenos se revelem (MARANDOLA Jr., 2005). O trabalho de campo serviu a esta apreensão experiencial, uma vez que implica na busca pela imersão na dinâmica do lugar (MINAYO, 1994). Durante os campos foram realizadas entrevistas semi-estruturadas e mapas mentais, confeccionados por pessoas que já finalizaram ou estavam realizando partes do Caminho.

O mapa mental é uma representação gráfica do espaço onde o entrevistado deve apresentar também uma narrativa que exponha o seu raciocínio, seus sentimentos e a imaginação em relação a esse espaço (DE PAULA, 2011). Este mapa baseia-se na metodologia qualitativa proposta pelo arquiteto e urbanista norteamericano Kevin Lynch, que incorpora cinco elementos da paisagem urbana: vias, limites, pontos nodais, bairros e marcos, tomados como referências espaciais. Levamos estes conceitos para além do contexto urbano visto que Lynch (2004, p. 62) afirma que “estos elementos pueden resultar de aplicación más general puesto que parecen reaparecer en muchos tipos de imágenes ambientales”.

134

Assim como para Lynch (2004), é preciso entender a cidade não como uma coisa, mas a cidade percebida pelos seus habitantes, para o Caminho de Santiago de Compostela ocorre o mesmo. A imagem do Caminho aparece neste espaço vivido pelo caminhante, que o estrutura e identifica a partir de sensações visuais, do olfato, da audição, do toque, das sinestésias. Fremónt (1980) nos diz que é no espaço vivido que se revelam as complexidades das realidades geográficas, que integram a dimensão temporal (histórico e pessoal) e do movimento (deslocamento no espaço-tempo).

Em sua descrição dos elementos da paisagem urbana Lynch (2004) ressalta que as vias são os canais de circulação ao longo do qual o observador se move de maneira habitual, ocasional ou potencial. Os limites são elementos lineares que representam barreiras para o observador, pode ser uma praia, rio, lago, uma linha ferroviária, cercas, muros ou paredes. Os pontos nodais são lugares estratégicos da cidade em que o observador pode penetrar e encontrar diferentes opções para chegar onde necessita. Os

marcossão tipos de referências pontuais, necessariamente externos ao observador. Em geral, pode ser um objeto físico definido de forma simples: um edifício, uma montanha, uma torre, uma placa, entre outros. Os bairros são regiões pequenas, médias ou grandes da cidade, com características em comum que lhes dão coesão e a possibilidade de que o observador os reconheça (LYNCH, 2004). Para utilizar esse conceito no Caminho, interpretamos os bairros como regiões mais homogêneas do trajeto.

Para Lynch (2004), se é possível organizar e identificar nitidamente o meio ambiente, o indivíduo será capaz de atribuir-lhe seus próprios significados e conexões, convertendo-o em um verdadeiro lugar, notável e inconfundível.

Revelando a multiplicidade do Caminho

As entrevistas foram realizadas em grande parte por peregrinos que realizaram diferentes trechos dos Caminhos Francês e Primitivo. Com base na análise dos mapas, percebemos que um mapa mental é feito a partir da importância relativa que cada elemento tem aos olhos das pessoas. Trata-se de uma percepção filtrada, em que imagens não são formadas apenas pela experiência imediata das formas, mas também estão impregnadas pelas informações da mídia e do contexto cultural e social do indivíduo (DE PAULA, 2011). Assim, toda estrutura tem uma identidade que lhe proporciona singularidade e um significado social, cultural ou econômico.

Há uma heterogeneidade importante nos mapas mentais. No entanto, percebem-se características determinantes em cada um deles: alguns enfatizam os elementos por sua espiritualidade, outros destacam os pontos de socialização, ou se fixam nos elementos físicos da paisagem, por exemplo.

Nas conversas realizadas, notamos que os caminhantes se reconhecem/identificam entre si, funcionando como uma comunidade, posto que estabelecem laços afetivos ao caminhar. Ademais, as experiências pessoais influenciam a percepção dos elementos que, em geral, são lembrados pelo fato de representarem um ponto onde se sentiu algum tipo de medo, insegurança ou uma sensação de bem-estar, prazer e contemplação. Finalmente, é possível verificar que os elementos identificados como os mais importantes estão intimamente ligados ao encontro com outros peregrinos,

reforçando a importância do outro na construção da imagem coletiva do Caminho, ainda que se inicie o trajeto sozinho.

Referências bibliográficas

- CANDY, J. 2004. Landscape and perception: the medieval pilgrimage to Santiago de Compostela from an archaeological perspective. **eSharp** 4: 1-18.
- DE PAULA, L. T. **Cartografia da experiência urbana: as imagens e formas de Campinas**. IG/Unicamp. Campinas, 2011.
- FRÉMONT, Armand. **A região, espaço vivido**. (trad. Antonio Gonçalves) Coimbra: Almedina, 1980.
- LYNCH, Kevin. **La imagen de la ciudad**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2004.
- MARANDOLA JR., Eduardo. Entre muros e rodovias: os riscos do espaço e do lugar. **Antropolítica**, v.24, p.93-110, 2008.
- MARANDOLA JR., Eduardo. Arqueologia fenomenológica: em busca da experiência. **Terra Livre**, São Paulo, v. 2, n. 25, p. 67-79, 2005.
- MARANDOLA JR., Eduardo et al. Paisagem e imagem da cidade: a forma e a experiência urbana de Campinas. In: **Textos Nepo, 64**. Campinas: Núcleo de Estudos de População / Unicamp, 2012.
- MINAYO, Maria C. de S. (org). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. (trad. Lívia de Oliveira) São Paulo: Difel, 1983.
- TUAN, Yi-fu. **Topofilia: um estudo das percepções, atitudes e valores do meio ambiente** (trad. Lívia de Oliveira). São Paulo: Difel, 1980.